

LARS KEPLER

O Homem de Areia

Da série Joonas Linna

TRADUÇÃO
Guilherme Miranda

ALFAGUARA


Copyright © 2012 by Lars Kepler

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Sandman

Capa

Jorge Oliveira

Foto de capa

Rita Varga / EyeEm / Getty Images

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Adriana Bairrada

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kepler, Lars

O Homem de Areia : da série Joonas Linna / Lars Kepler ; tradução Guilherme Miranda. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfabeta, 2018.

Título original: The Sandman.

ISBN: 978-85-5652-073-9

1. Ficção policial e de mistério 2. Ficção sueca

I. Título.

18-19432

CDD-839.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura sueca 839.73

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

O Homem de Areia

É madrugada. O vento sopra a neve a partir do mar. Um rapaz atravessa uma ponte ferroviária rumo a Estocolmo. Seu rosto é tão pálido quanto vidro embaçado. A calça jeans está endurecida com sangue congelado. Ele caminha entre os trilhos, pisando de dormente em dormente. Cinquenta metros abaixo é possível ver o gelo na água, como uma tira de pano. Um manto de neve cobre as árvores. A neve rodopia à luz do guindaste portuário bem abaixo, e mal se veem os tanques de combustível no porto.

O sangue escorre pelo braço esquerdo do homem e pinga da ponta de seus dedos.

Os trilhos zumbem quando um trem noturno se aproxima da ponte de dois quilômetros de comprimento.

O rapaz cambaleia e se senta no trilho, depois volta a se levantar e continua andando.

O ar é turbulento na frente do trem e a visão é obscurecida pela neve sinuosa. A locomotiva já está no meio da ponte quando o maquinista avista o homem no trilho. Ele toca a buzina e a figura quase cai. O homem dá um longo passo para a esquerda, em direção à outra via férrea, e se apoia no frágil parapeito.

Suas roupas estão esvoaçando em torno do corpo. A ponte sacode violentamente sob seus pés. Ele fica parado com os olhos bem abertos, as mãos no parapeito.

Tudo é neve giratória e escuridão envolvente.

Seu nome é Mikael Kohler-Frost. Ele desapareceu há treze anos e foi declarado morto seis anos depois.

1

O portão de aço se fecha atrás do novo médico com um estrondo pesado. O som ecoa pela escada em espiral.

De repente tudo fica quieto, e Anders Rönn sente um calafrio percorrer a espinha.

Hoje é seu primeiro dia de trabalho na Unidade de Psicologia Criminal de Segurança Máxima do hospital de Löwenströmka.

Nos últimos treze anos, o bunker isolado tem sido o lar do velho Jurek Walter.

O jovem médico não sabe muito sobre o paciente, exceto os diagnósticos: esquizofrenia, não específica. Pensamento caótico. Psicose aguda recorrente, com episódios erráticos e extremamente violentos.

Anders mostra a identidade na entrada, tira o celular e pendura a chave do portão no armário antes de o guarda abrir a primeira porta de segurança de aço. Ele passa e espera a porta se fechar antes de caminhar para a próxima porta. Ao toque de um sinal, o guarda abre a segunda porta. Anders caminha pelo corredor em direção à sala de funcionários da ala de isolamento.

O médico-chefe Roland Brolin é um homem atarracado na faixa dos cinquenta anos, com os ombros caídos e o cabelo curto. Está fumando sob o exaustor da cozinha, folheando um artigo sobre a desigualdade salarial entre homens e mulheres no setor da saúde.

— Jurek Walter nunca deve ficar sozinho com nenhum membro da equipe — ele diz. — Nunca deve encontrar com outros pacientes. Nunca recebe visitas e nunca tem permissão de sair para o pátio de exercícios. Ele também não...

— Nunca? — Anders questiona. — Certamente não é comum manter alguém...

— Não, não é — Roland o corta.

— Então o que ele realmente faz?

— Nada além de coisas agradáveis — Roland responde, indo para o corredor.

Embora Jurek Walter tenha cometido crimes mais abomináveis do que todos os assassinos em série da história sueca, ele é completamente desconhecido do público. Os processos contra ele no Tribunal Central e no Tribunal de Recursos se desenrolaram a portas fechadas, e todos os arquivos são estritamente confidenciais.

Anders e Roland atravessam outra porta de segurança, e uma jovem com os braços tatuados e piercings nas bochechas pisca para eles.

— Voltem inteiros — diz, sorridente.

— Não há com o que se preocupar — Roland murmura para Anders. — Jurek Walter é um idoso tranquilo. Ele não briga e não levanta a voz. Nossa regra principal é nunca entrar em sua cela. Mas Leffe, que ontem estava no turno da noite, notou que ele tinha feito uma espécie de faca e escondido embaixo do colchão, então, obviamente, temos de confiscá-la.

— Como vamos fazer isso? — Anders pergunta.

— Vamos quebrar as regras.

— Vamos entrar na cela de Jurek?

— Você vai entrar. Para pedir educadamente a faca.

— Eu vou entrar?

Roland dá uma gargalhada e explica que vão fingir dar ao paciente sua injeção normal de risperidona, mas, na verdade, vão injetar uma overdose de Zypadhera.

O chefe passa o cartão em mais uma leitora e digita um código. Há um bipe, e a trava da porta de segurança solta um zumbido.

— Espera — Roland diz, estendendo uma caixinha com tampões de ouvido amarelos.

— Isso é para quê?

Roland lança um olhar cansado para o novo colega e suspira.

— Jurek Walter vai conversar com você, com muita calma, talvez de maneira perfeitamente sensata — responde com a voz grave. — Vai convencê-lo a fazer coisas das quais você vai se arrepender. As palavras dele vão se repetir sem parar na sua cabeça e, hoje à noite, quando

estiver indo para casa, você vai entrar com o carro na contramão e bater num caminhão, ou parar numa loja de ferramentas e comprar um machado antes de buscar as crianças na pré-escola.

— É para eu ficar assustado agora? — Anders sorri e coloca um par de tampões de ouvido no bolso.

— Não, mas espero que tome cuidado — Roland diz.

Anders não se considera um homem de sorte, mas, quando viu o anúncio num jornal médico para um trabalho de longo prazo em tempo integral no hospital Löwenströmska, teve um bom pressentimento. Fica a apenas vinte minutos de carro de casa, e poderia levar a uma vaga permanente. Desde que terminara o trabalho como residente no hospital Skaraborg e num centro de saúde em Huddinge, teve de passar por trabalhos temporários na clínica regional do hospital Sankt Sigfrids. As longas jornadas a Växjö e os horários irregulares se provaram difíceis de administrar com o trabalho de Petra no Departamento de Parques e o autismo de Agnes.

Apenas duas semanas antes, Anders e Petra estavam sentados à mesa da cozinha, tentando descobrir o que iriam fazer da vida.

— Não podemos continuar desse jeito — Anders disse.

— Mas que alternativa nós temos? — ela sussurrou.

— Não sei — Anders respondeu, secando as lágrimas do rosto dela.

A monitora de Agnes na pré-escola tinha dito que ela teve um dia difícil. Ela se recusou a soltar o copo de leite, e as outras crianças riram. Ela não conseguiu aceitar que o intervalo havia acabado, porque Anders não tinha ido buscá-la como de costume. Ele tinha voltado direto de Växjö, mas só chegou à pré-escola às seis da tarde. Agnes ainda estava sentada no refeitório com as mãos em volta do copo quando ele a encontrou.

Ao voltarem para casa, Agnes ficou parada no quarto, encarando a parede ao lado da casa de bonecas, batendo palmas de seu jeito introvertido. Eles não sabem o que ela enxerga ali, mas ela diz que as varinhas cinzentas ficam aparecendo, e ela tem de contá-las e fazer com que parem. Ela faz isso quando está particularmente ansiosa. Às vezes dez minutos bastam, mas, naquela noite, ficou ali por mais de quatro horas até conseguirem levá-la para a cama.

2

A última porta de segurança se fecha e eles seguem pelo corredor para as celas de isolamento. A luz fluorescente no teto se reflete no piso de linóleo. O papel de parede texturizado tem um sulco causado pela barra do carrinho de comida.

Roland passa o cartão e deixa Anders ir na frente em direção à pesada porta de metal.

Do outro lado do vidro reforçado, Anders vê um homem magro numa cadeira de plástico. Ele está usando calça e camisa jeans. Está barbeado, e os olhos parecem extraordinariamente calmos. As muitas rugas que cobrem seu rosto pálido parecem o barro rachado no leito de um rio seco.

Jurek Walter foi considerado culpado por apenas dois homicídios e uma tentativa de homicídio, mas há evidências contundentes que o ligam a outros dezenove casos de assassinato.

Treze anos antes, fora flagrado na floresta de Lill-Jan, no Djurgården, em Estocolmo, forçando uma mulher de cinquenta anos a voltar para um caixão embaixo da terra. Ela tinha sido mantida no caixão por quase dois anos, mas ainda estava viva. A mulher sofreu lesões terríveis, estava desnutrida, os músculos tinham definhado, exibia ferimentos de pressão e queimaduras de frio, e tinha sofrido danos cerebrais graves. Se a polícia não tivesse seguido e prendido Jurek Walter ao lado do caixão, talvez ele nunca tivesse sido detido.

Roland tira três frasquinhos de vidro contendo um pó amarelo, coloca um pouco de solução salina em cada um, os chacoalha com cuidado, depois puxa o conteúdo com uma seringa.

Ele coloca os tampões de ouvido e abre a pequena abertura na porta. Há um estrépito de metal, e um cheiro forte de concreto e pó os alcança.

Com a voz impassível, Roland diz a Jurek que está na hora de sua injeção.

O homem ergue a cabeça e se levanta calmamente da cadeira, se vira para a portinhola e desabotoa a camisa enquanto se aproxima.

— Pare e tire a camisa — Roland diz.

Jurek anda devagar para a frente e Roland fecha rapidamente a portinhola. Jurek para, termina de desabotoar a camisa e a deixa cair no chão.

Seu corpo parece com o de alguém que já esteve em forma, mas agora seus músculos estão frouxos e a pele, enrugada e flácida.

Roland abre a portinhola novamente. Jurek se aproxima e estende o braço musculoso.

Anders limpa o braço com álcool. Roland enfia a seringa no músculo macio e injeta o líquido rápido demais. A mão de Jurek se contrai de surpresa, mas ele não puxa o braço antes de receber permissão. Roland fecha a portinhola às pressas, retira os tampões de ouvido, abre um sorriso nervoso e espia o lado de dentro.

Jurek cambaleia na direção da cama, onde para e se senta.

De repente, ele se vira para olhar para a porta, e Roland derruba a seringa.

Ele tenta pegá-la, mas ela rola pelo chão.

Anders dá um passo à frente e pega a seringa, e, quando os dois se levantam e se viram para a cela, veem que o lado de dentro do vidro reforçado está embaçado. Jurek Walter bafejou no vidro e escreveu “Jooná” com o dedo.

— O que está escrito? — Anders pergunta com a voz fraca.

— Ele escreveu “Jooná”.

— Que diabos isso significa?

Quando a condensação passa, veem que Jurek Walter está sentado como se não tivesse saído do lugar. Ele olha para o braço em que recebeu a injeção, massageia o músculo, depois olha para os dois pelo vidro.

— Não diz mais nada? — Anders pergunta.

— Não.

Eles ouvem um rugido bestial do outro lado da porta pesada. Jurek escorregou da cama e está de joelhos, berrando. Os tendões de seu pescoço estão rígidos, as veias inchadas.

— Quanto você deu a ele? — Anders pergunta.

Os olhos de Jurek se reviram e ficam brancos. Ele estende a mão para se equilibrar e estica uma perna, mas tomba para trás. Bate com a cabeça no criado-mudo. Então grita, e seu corpo estremece com espasmos.

— Meu Deus — Anders sussurra.

Jurek escorrega no chão, suas pernas se debatem incontrolavelmente. Ele morde a língua e o sangue esguicha pelo peito. Fica caído de costas, arfando.

— O que fazemos se ele morrer?

— Cremamos — Roland responde.

Jurek está se contorcendo de novo, o corpo todo tremendo e as mãos se debatendo em todas as direções até de repente pararem.

Roland olha o relógio. O suor escorre por seu rosto.

Jurek Walter geme, vira de lado e tenta se levantar, mas não consegue.

— Você vai poder entrar em alguns minutos — Roland diz.

— Vou mesmo entrar lá?

— Logo ele vai estar completamente inofensivo.

Jurek está engatinhando, a baba ensanguentada escorrendo da boca. Ele oscila e desacelera até finalmente cair no chão e ficar imóvel.

3

Anders olha pela janela grossa de vidro reforçado na porta. Jurek Walter está deitado no chão sem se mexer há dez minutos. Seu corpo fica mole quando as câibras cessam.

Roland pega uma chave e a coloca na fechadura, depois para e espia pela janela antes de destrancar a porta.

— Divirta-se — ele diz.

— O que faço se ele acordar? — Anders pergunta.

— Ele não vai acordar.

Roland abre a porta e Anders entra. A porta se fecha, e a fechadura chacoalha. A cela fede a suor e alguma outra coisa. Um cheiro forte de vinagre. Jurek Walter está deitado completamente imóvel, respirando devagar.

Anders mantém distância, mesmo sabendo que ele está inconsciente.

A acústica ali é estranha, claustrofóbica, como se os sons acompanhassem os movimentos rápido demais.

Seu jaleco farfalha suavemente a cada passo.

Jurek está respirando mais rápido.

A torneira está pingando.

Anders chega à cama, depois se vira para Jurek e se ajoelha.

Vislumbra Roland observando com ansiedade através do vidro reforçado enquanto se abaixa e tenta olhar sob a cama fixada.

Nada no chão.

Ele se aproxima, olhando atentamente para Jurek antes de se deitar.

Não pode mais vigiar Jurek. Precisa dar as costas para ele e procurar a faca. Não há muita luz sob a cama. Bolas de poeira cobrem a parede.

Ele não consegue deixar de imaginar que Jurek Walter abriu os olhos.

Vê algo escondido entre as ripas de madeira e o colchão. É difícil saber o que é.

Anders estica a mão, mas não consegue alcançar. Precisa se arrastar de costas embaixo da cama. O espaço é tão estreito que ele não pode virar a cabeça. Entra mais. Sente a massa rígida do estrado da cama contra sua caixa torácica a cada respiração. Vai tateando com os dedos. Precisa chegar um pouco mais perto. Seu joelho bate em uma das ripas de madeira. Ele sopra uma bola de poeira do rosto e continua.

De repente, escuta um baque surdo atrás dele na cela. Não consegue se virar para olhar. Fica apenas ali parado, ouvindo. Sua respiração está tão ofegante que tem dificuldade para discernir qualquer outro som.

Com cuidado, ele estende a mão e toca o objeto com a ponta dos dedos, espremendo-se um pouco mais para arrancá-lo.

Jurek produziu uma faca curta com a lâmina muito afiada a partir de um pedaço do rodapé de aço.

— Rápido — Roland grita pela portinhola.

Anders tenta sair, rastejando com força, e arranha a bochecha.

De repente não consegue se mexer. Está preso. Seu jaleco ficou agarrado, ele não consegue se desvencilhar.

Ele pensa ouvir os movimentos de Jurek.

Talvez não seja nada.

Anders puxa com toda a força. As costuras se estiram mas não se rasgam. Ele percebe que vai ter de rastejar de volta para baixo da cama para soltar o jaleco.

— O que você está fazendo? — Roland grita, irritado.

A portinhola faz um ruído quando é novamente fechada.

Anders vê que um bolso do jaleco ficou preso a um suporte solto. Ele o desprende rapidamente, segura a respiração e se arrasta para sair. É tomado por uma sensação crescente de pânico. Arranha a barriga e o joelho, mas se segura na beira da cama com uma das mãos e consegue se impulsionar para fora.

Ofegante, ele se vira e se levanta cambaleante com a faca na mão.

Jurek está deitado de lado, dormindo no chão com um olho semiaberto, mas sem enxergar.

Anders corre até a porta. Encontra o olhar ansioso do chefe através do vidro reforçado e tenta sorrir, mas o estresse corta sua voz.

— Abre a porta.

Em vez disso, Roland Brolin abre a portinhola.

— Primeiro me passa a faca.

Anders olha para ele sem entender, e passa a faca.

— Você encontrou alguma outra coisa também — Roland Brolin diz.

— Não — Anders responde, olhando de relance para Jurek.

— Uma carta.

— Não tinha mais nada.

Jurek começa a se contorcer no chão, arfando um pouco.

— Olha nos bolsos dele — o médico-chefe diz.

— Por quê?

— Porque isso é uma revista.

Anders se vira e, com cautela, vai até Jurek Walter. Seus olhos estão completamente fechados de novo, mas gotas de suor começam a surgir em seu rosto enrugado.

Relutante, Anders se agacha e começa a apalpar dentro dos bolsos. A camisa jeans está puxada sobre os ombros de Jurek, e ele solta um grunhido baixo.

Há um pente de plástico no bolso de trás da calça. Tremendo, Anders apalpa o resto dos bolsos.

O suor pinga da ponta do seu nariz. Ele precisa piscar com força.

Uma das mãos grandes de Jurek se abre e se fecha várias vezes.

Não há mais nada nos bolsos dele.

Anders escuta um alarme distante e se vira na direção da porta reforçada. É impossível ver se Roland está do outro lado da porta. O reflexo da lâmpada de teto brilha como um sol cinza no vidro.

Ele precisa sair agora.

Demorou tempo demais.

Anders se levanta e corre até a porta. Roland não está lá.

Jurek Walter está respirando rápido, como uma criança tendo um pesadelo.

Anders bate na porta. Suas mãos golpeiam o metal grosso quase sem emitir som. Ele bate de novo. Não há som. Nada acontece. Ele bate no vidro com a aliança de casamento, então vê uma sombra crescer do outro lado da parede.

Anders sente um calafrio subir pelas costas e descer pelos braços. Com o coração acelerado e a adrenalina aumentando, ele se vira. Encontra Jurek Walter se sentando devagar. Seu rosto está relaxado e seus olhos claros olham fixamente para a frente. A boca ainda está sangrando, e seus lábios estão estranhamente vermelhos.

4

Jurek Walter está sentado no chão e pisca algumas vezes para Anders antes de começar a se levantar.

— É mentira — Jurek diz, com sangue pingando do queixo. — Dizem que sou um monstro, mas sou apenas um ser humano.

Ele não tem energia para ficar em pé e tomba para trás, arfando no chão.

— Um ser humano — ele repete.

Põe a mão trêmula dentro da camisa, tira um papel dobrado e o joga para Anders.

— A carta que ele estava pedindo — ele diz. — Faz sete anos que peço para ver um advogado. Não que eu tenha alguma esperança de sair daqui. Eu sou quem sou, mas ainda sou um ser humano.

Anders se agacha e alcança o papel sem tirar os olhos de Jurek. O homem caído tenta se levantar de novo, apoiando-se nas mãos, e, embora oscile um pouco, consegue colocar um pé no chão.

Anders pega o papel e finalmente ouve um ruído quando uma chave é inserida na fechadura da porta. Ele se vira e encara o vidro reforçado, sentindo as pernas tremerem.

— Vocês não deveriam ter me dado uma overdose — Jurek murmura.

Abre, abre, Anders pensa. Ele ouve a respiração às suas costas.

A porta se abre e Anders cambaleia para fora da cela, direto para a parede de concreto do corredor. Ele ouve um baque pesado quando a porta se fecha, depois um estalo conforme a poderosa fechadura responde ao giro da chave.

— O alarme soou, e a porta da cela travou automaticamente, então tive de ir desligá-lo — Roland se explica.

— Isso é loucura.

- Você encontrou mais alguma coisa? — Roland pergunta.
— Só a faca — Anders responde.
— Então ele não te deu nada?
— Não.
— Seria melhor se você entregasse para mim.

5

Anders Rönn passa o resto do dia se familiarizando com as novas rotinas — as rondas dos médicos na ala 30, os planos de tratamento individual e os exames de alta —, mas sua mente continua voltando à carta em seu bolso e ao que Jurek falou.

Às cinco e dez, Anders sai da ala de psicologia criminal e vai para o ar livre. Além do terreno iluminado do hospital, a escuridão de inverno já se instalou.

Anders mantém as mãos nos bolsos do casaco e se apressa pela calçada na direção do grande estacionamento na frente da entrada principal do hospital.

Estava cheio de carros quando ele chegou, agora está quase vazio.

Ele estreita os olhos e percebe que tem alguém atrás de seu carro.

— Oi? — Anders chama, apertando o passo.

O homem se vira e passa a mão na boca. Roland Brolin.

Anders desacelera quando se aproxima e tira a chave do bolso.

Roland estende a mão esquerda, a palma para cima.

— Me dá a carta — ele diz. — Você não sabe onde está se metendo.

— Que carta?

— A carta que Jurek te deu — ele responde. — Um bilhete, uma folha de jornal, um pedaço de cartolina.

— Encontrei a faca que era para estar lá.

— Essa era a isca — Roland diz. — Ou você acha que ele suportaria toda aquela dor a troco de nada?

Anders olha para o chefe enquanto seca o suor do lábio superior com a mão.

— O que fazemos se um paciente quer ver um advogado? — ele pergunta.

— Nada — Roland sussurra.
— Ele nunca pediu isso a você?
— Não sei. Não teria como ouvir, sempre uso os tampões de ouvido. — Roland sorri.
— Mas não entendo por quê...
— Você precisa deste emprego — Roland interrompe. — Suas notas eram baixas, você está endividado, não tem experiência nem referências.
— Já acabou?
— É melhor me dar a carta — Roland retruca, cerrando o maxilar.
— Não estou com carta nenhuma.
Roland o encara por um instante.
— Se encontrar alguma carta — ele diz —, você vai me entregá-la sem ler.
— Entendi — Anders diz, destrancando a porta do carro.
Anders tem a impressão de que o chefe parece um pouco mais relaxado quando ele entra no carro, fecha a porta e liga o motor. Quando Roland bate na janela, Anders o ignora, engata a marcha e sai dirigindo. No retrovisor, Roland continua parado observando o carro.